



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA LETÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

**RAÍZES LÁCTEAS: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AMAMENTAÇÃO E
ALEITAMENTO NO BRASIL.**

**GUARABIRA/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Maria Leticia Pereira dos.
Raízes lácteas [manuscrito] : um olhar sobre a história da amamentação e aleitamento no Brasil / Maria Leticia Pereira dos Santos. - 2023.
39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de História - CH. "

1. Aleitamento materno. 2. Propagandas. 3. Políticas públicas. 4. Legislação brasileira. I. Título

21. ed. CDD 981

MARIA LETÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

**RAÍZES LÁCTEAS: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AMAMENTAÇÃO E
ALEITAMENTO NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de História (artigo), como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo.

Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, gênero e sensibilidade.

GUARABIRA/PB

2023

MARIA LETÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

**RAÍZES LÁCTEAS: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AMAMENTAÇÃO E
ALEITAMENTO NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de História
(artigo), como requisito obrigatório para a
obtenção do título de Licenciada em História
pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 27 / 11 / 2023 .

BANCA EXAMINADORA

Edna maria Nóbrega Araújo

Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dmitri S.B. Sobreira

Prof. Dr. Dmitri da Silva Bichara Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses

Prof^a. Dr^a. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*A minha irmã Maryllia, meu maior orgulho
e amor nessa vida, meu apoio e alegria,
DEDICO.*

"A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente". (Bloch).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Criança sendo amamentada por cabra- 1958.	14
Figura 2	Venda de Ama de Leite (Escrava). Fotografia de 1879.	15
Figura 3	Jornal do commercio. Fotografia de 1844.	15
Figura 4	Augusto Gomes Leal com sua ama de leite Mônica. Fotografia de 1860.	16
Figura 5	Criança usando leite em pó na mamadeira.	17
Figuras 6 e 7	Propagandas Nestlé - 1930.	19
Figura 8	Criança com Leite moça na mamadeira.	20
Figura 9	Propaganda da mamadeira Pyrex.	20
Figura 10	Fotos de Criança ao lado de latas de leite Ninho- Nestlé.	21
Figura 11	Campanha sobre aleitamento materno 16 de novembro de 2016.	24
Figura 12	Lucélia Santos e a Campanha “amigas do peito”.	26
Figura 13	10 passos para o sucesso do aleitamento materno	30
Figura 14	Material de apoio à amamentação divulgado pela Semana Nacional de Aleitamento Materno (WABA).	31
Figura 15	Agosto Dourado Campanha do Aleitamento Materno.	33

LISTA DE ABREVIATURAS

AM	Aleitamento Materno
AME	Aleitamento Materno Exclusivo
APLV	Alérgicos à Proteína do Leite de Vaca
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ENANI	Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil
ECT	Empresa Nacional de Correios e Telégrafos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBFAN	Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar
IHAC	Iniciativa Hospital Amigo da Criança
NCAL	Normas para a comercialização de alimentos para lactentes
NBCAL	Normas Brasileiras para a comercialização de alimentos para lactentes
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNIAM	Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	(AMA)MENTAÇÃO.....	11
3	"SEIO MATERNO X MAMADEIRA E LEITE EM PÓ" AO LONGO DO SÉCULO XX.....	17
4	O BRASIL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PRÓ- AMAMENTAÇÃO.....	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS	35
	AGRADECIMENTOS	38

RAÍZES LÁCTEAS: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AMAMENTAÇÃO E ALEITAMENTO NO BRASIL.

MARIA LETÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

RESUMO

A amamentação se caracteriza por ser uma prática comum em toda História da humanidade, em todas as espécies de mamíferos, em especial, nos seres humanos. No entanto, em diferentes contextos históricos, ela não se resume ao ato de alimentar pois, está inserida em diversas culturas, representando seus valores. Da mesma forma, que as transformações sociais e econômicas de cada período, também contribuem para diminuição e/ou aumento da oferta do leite materno no mundo, sobretudo, no Brasil. Este artigo, tem como objetivo analisar as políticas públicas voltadas à prática da amamentação no Brasil assim como, a influência das propagandas presentes na mídia e como estas interferiram na alimentação infantil entre o final do século XX e início do século XXI, seja incentivando o aleitamento materno ou o uso de produtos substitutos do leite materno. A presente pesquisa contou com um suporte teórico voltado para história das mulheres e da amamentação a exemplo de autores (as), como: Mary Del Priori, através das suas obras - *História das crianças no Brasil* (1991) e *História das mulheres no Brasil* (1997), Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1980), Adriana Tanuse Nogueira, *Mamãe eu quero mamar: Breve História do aleitamento materno* (2022) e João Aprígio Guerra, *Amamentação: um híbrido natureza-cultura* (1999), além de artigos e da legislação brasileira voltada para os direitos conquistados pelas mulheres em relação à amamentação. A alimentação infantil tem sido um tema tratado principalmente pelas áreas médicas da Pediatria, Nutrição e Saúde Pública. Porém, a proposta do presente trabalho é discutir com base em uma perspectiva histórica, visto a lacuna de pesquisas referentes a esta temática dentro da Historiografia. Nesse sentido, foi possível observar que grandes avanços foram obtidos nas décadas observadas, entretanto, há ainda um longo caminho a percorrer para que todas as mulheres, em especial as de áreas periféricas e trabalhadoras informais, possam amamentar seus filhos conforme garante a legislação brasileira.

Palavras-Chave: Aleitamento materno; propagandas; políticas públicas; legislação brasileira.

ABSTRACT

Breastfeeding is characterized by being a common practice throughout the history of humanity, in all species of mammals, especially in humans. However, in different historical contexts, it is not limited to the act of feeding as it is embedded in different cultures, representing their values. Likewise, the social and economic transformations

of each period also affected the decrease and/or increase in the supply of breast milk in the world, especially in Brazil. This article aims to analyze public policies aimed at the practice of breastfeeding in Brazil, as well as the influence of advertisements presented in the media and how they interfered with infant nutrition between the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, whether encouraging breastfeeding breast milk or the use of breast milk substitute products. This research has specific theoretical support for the history of women and breastfeeding, following the example of authors such as: Mary Del Priori, through her works - *História das Crianças no Brasil* (1991) and *História das Mulheres no Brasil* (History of women in Brazil (1991) and *História das Mulheres no Brasil* (History of women in Brazil (1991) and *History of women in Brazil* (1991) and *History of women in Brazil* (1991) 1997), Elisabeth Badinter, *A conquered love: the myth of maternal love* (1980), Adriana Tanuse Nogueira, *Mommy I want to breastfeed: Brief history of breastfeeding* (2022) and João Aprígio Guerra, *Breastfeeding: a nature-culture hybrid* (1999)), in addition to articles and Brazilian legislation focused on the rights achieved by women in relation to breastfeeding. Infant nutrition has been a topic addressed mainly by the medical areas of Pediatrics, Nutrition and Public Health. However, the purpose of this work is to discuss based on a historical perspective, given the gaps in research regarding this topic within Historiography. In this sense, it was possible to observe that great advances were made in the decades observed, however, there is still a long way to go so that all women, especially those from peripheral areas and informal workers, can breastfeed their children in accordance with Brazilian legislation.

Keywords: Breastfeeding; advertisements; public policy; Brazilian legislation.

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos em amamentação, quase que imediatamente nosso pensamento se volta a figura da criança ao seio, a mãe muito feliz e satisfeita com o ato de ofertar ao filho o tão precioso leite materno, lembramos de nossas mães, tias, vizinhas que já vimos amamentando. As próprias mães de primeira viagem, em sua maioria, sonham com o momento da amamentação, ainda mais após a volta do incentivo ao parto natural e a tão esperada hora dourada, onde o leite materno é oferecido, em livre demanda, à criança logo na primeira hora de vida, tanto para o estímulo à sucção, quanto para a facilitação da pega do peito, como também por contribuir com a saúde materna, favorecendo a saúde pós parto, a involução uterina, a diminuição do sangramento, além da economia gerada pela diminuição dos custos com outros leites.

Não tão raramente, há mães que têm dificuldade em exercer a amamentação. Seja pela chamada falta do leite, o leite que não desce, a própria dor causada nas primeiras sugadas da criança ao seio, que é comparada a pequenas agulhadas, a falta de uma orientação obstétrica acerca desse momento, vários fatores colaboram para essa dificuldade que gera frustração e sensação de impotência por parte da mãe. Para compreendê-las basta imaginarmos a alegria das mães com seus bebês de bochechas generosas, perninhas e bracinhos rechonchudos apenas com leite materno, sinal de boa saúde e nutrição adequada, além de uma mãe farta na produção de leite.

Nesse momento entram em cena estratégias para que a criança consiga se alimentar. Em nosso cotidiano é muito comum encontrar crianças que foram alimentadas com leite de vaca, o próprio leite em pó associado a compostos como “maisena” ou “cremogema”, ou mesmo que receberam amamentação de mulheres que não eram suas mães, como por exemplo o meu primo que pela falta de leite da sua mãe dividiu o leite materno da minha mãe comigo, nos tornando “irmãos de leite”, como se convencionou chamar crianças que são amamentadas ao mesmo tempo, no mesmo seio, mas não são irmãos sanguíneos.

A História da amamentação no Brasil tem mostrado que se tornou recorrente crianças se alimentando de mingau ou a famosa “papa”, onde as avós e mães exibiam

com orgulho os pequeninos de bochechas grandes, alimentando-os nas calçadas com colheres, mamadeiras, ou com uso dos próprios dedos. E ainda aquelas famílias que colecionavam as latas de leite consumidas pela criança até o primeiro ano de vida, empilhavam, posicionavam a criança em frente e registravam com orgulho as fotos.

Observando essas representações diferentes da amamentação, a ideia do desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir de um interesse pela história dos hábitos alimentares e da nutrição no Brasil, em virtude de que se observam mudanças e permanências desde os primórdios, percebendo, porém, a amamentação como o mais antigo meio de alimentação infantil, existente no país antes da invasão portuguesa e se perpetuando até a atualidade. "A amamentação, além de ser biologicamente determinada, é socioculturalmente condicionada, tratando-se, portanto, de um ato impregnado de ideologias e determinantes que resultam em condições concretas de vida". (GUERRA, 1999. p.15).

Assim, esse artigo intitulado *Raízes lácteas: Um olhar histórico sobre amamentação e aleitamento no Brasil* inserido na linha de pesquisa de História e Estudos Culturais: Etnia, crença, gênero e sensibilidade, intenciona analisar as políticas públicas voltadas à prática da amamentação no Brasil ao longo da História e observar a influência das propagandas ao incentivo do uso de outros leites, sobretudo o leite em pó.

Analisando o cenário contemporâneo da amamentação no Brasil, em uma perspectiva histórica; procuramos abordar desde o *marketing*, envolvido na promoção de sua prática, bem como as críticas com relação ao desmame precoce, até os aspectos que envolvem sua influência na saúde do lactante e da criança, com base no documentário "*Um olhar sobre a história da amamentação no Brasil*" promovido pelo IBFAN (Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar), em 2004.

O tema da amamentação, apesar de mais debatido no âmbito das ciências médicas, pode e deve ser discutido também no meio historiográfico, tendo em vista que a História, enquanto campo científico, contempla todos os aspectos da vida humana. Assim, as pessoas, sociedades e culturas têm um passado, e, portanto, estão dotadas de historicidade. O que justifica a relevância desta pesquisa para profissionais da área da História, no sentido ser um tema pouco estudado por historiadores até o momento.

Dessa forma, buscamos estudar a História da Amamentação no Brasil observando-a como um fenômeno presente e constante na nossa História. No entanto, percebemos que associado às mudanças no lugar ocupado pelas mulheres brasileiras em todas as camadas sociais, podemos evidenciar o crescente surgimento de fórmulas e leites artificiais nos mercados, o que tem levado ao desmame precoce ou mesmo a não amamentação dos recém-nascidos.

É possível pensarmos a temática através dos conceitos Amamentação e Maternidade. Utilizaremos como ponto de partida na discussão a História-Problema dos *Annales*, visto que este projeto intenciona trabalhar com a História da Amamentação no Brasil, uma abertura a possibilidades dentro dos temas de pesquisa, de maneira que diferente dos primeiros historiadores que se debruçavam apenas sobre a História dos grandes homens e grandes eventos, com esta temática traremos a interdisciplinaridade proposta pelos *Annales*, unindo História e Nutrição em um único trabalho.

O programa proposto pelos fundadores dos *Annales*, consistia fundamentalmente no seguinte: a interdisciplinaridade, a mudança dos objetos da pesquisa, que passavam a ser as estruturas econômica-social-mental, a mudança na estrutura da explicação-compreensão em História, a mudança no conceito de fonte histórica e sobretudo, embalando todas as propostas anteriores, a mudança no conceito de tempo que agora consiste, fundamentalmente na superação estrutural do evento. (REIS, 1996. p.63).

Partindo da História da Alimentação, faremos o recorte na História da Alimentação Infantil e inserida nela nos ateremos à discussão da História da Amamentação no Brasil. Para melhor aproveitamento e aprofundamento da temática, foram selecionados materiais que diziam respeito à História da Amamentação, das crianças e das mulheres no Brasil, estabelecendo como recorte temporal o final do século XX e início do século XXI, uma fragmentação conforme disposto por Reis (1996) sobre a nova História dos Annales: "Da proposta da História global ou da tentativa de desenhar um quadro global do homem com o apoio das ciências sociais, a história hoje pesquisa unidades parciais, locais". (p.67).

A presente pesquisa se desenvolveu a partir da análise de trabalhos disponíveis na plataforma *Scielo* (*scientific Electronic Library Online*), Catálogo de Teses e Dissertações, análise do documentário "Um olhar sobre a História da

amamentação no Brasil” promovido pelo IBFAN (Rede Nacional em Defesa do Direito de Amamentar), especialmente no que se refere a cartilhas e propaganda de incentivo a amamentação no início dos anos 1980. Analisamos também as políticas públicas implementadas pelo Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde, os resultados de pesquisas promovidas pelo ENANI (Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil), sobretudo a mais recente, de 2019 e algumas propagandas presentes na mídia relacionadas aos diferentes tipos de alimentação infantil.

Dentre os autores que deram subsídios para construção desse artigo podemos citar: Mary Del Priori, *História das crianças no Brasil (1991)* e *História das mulheres no Brasil (1997)*, Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o mito do amor materno (1980)*, Adriana Tanuse Nogueira, *Mamãe eu quero mamar: Breve História do aleitamento materno (2022)* e João Aprígio Guerra, *Amamentação: um híbrido natureza-cultura (1999)*.

Nesse sentido, buscaremos contemplar as seguintes problemáticas: O que leva uma mãe escolher amamentar ou não seus filhos? Até que ponto, as medidas tomadas pelos órgãos públicos que propuseram melhorias na saúde da criança e da lactante foram postas em prática? Quais os reais impactos da falta da amamentação natural na saúde de mãe e filho, de acordo com as pesquisas? As políticas públicas implantadas atingem e tem contemplado as mães trabalhadoras que optarem por amamentar seus filhos no período indicado? Até que ponto as propagandas de fórmulas industriais para alimentação de recém-nascidos e crianças até seis meses influenciaram as mães, dadas as particularidades de cada década?

2. (AMA)MENTAÇÃO.

Desde as primeiras civilizações é comum que as crianças recém-nascidas sejam alimentadas pelas mães ao seio, sendo nutridas pelo leite materno mesmo antes de a ciência surgir e comprovar os benefícios da amamentação para a saúde da mãe e do bebê. A amamentação surge como um instinto quase animal da mulher enquanto fêmea e da própria criança enquanto mamífero de buscar o seio em estímulos de sucção e alimentação. Desse modo, a partir da necessidade da nutriz de tirar o leite que muitas vezes é produzido em grande quantidade, mesmo em muitos casos provocando dor, criou-se o hábito de amamentar de forma regular. (BADINTER, 1980).

A repetição de um comportamento ou prática dentro de uma sociedade tem o potencial de tornar-se cultura. Tal como outros costumes, a amamentação foi deixando de ser observada apenas enquanto uma prática simples, mas sendo dotada de sentimentalismo e nobreza, já que ninguém além da mulher tinha a capacidade da lactação. Até que a partir do século XVIII ela é anexada de fato a nova imagem que se constitui da mulher enquanto ser amoroso e doce, que se doa, a imagem da boa esposa e, concomitante a isso, da boa mãe. (BADINTER, 1980).

Segundo Badinter (1980), a imposição do “ser mãe” está inserida na sociedade desde o século XVIII, juntamente com esta nova visão onde se associam amor e maternidade, estando atrelados de tal maneira que não se pensasse um sem o outro. Concomitante a isso se formularam discursos para que “as mulheres voltassem a conhecer as doçuras do amor materno”, usando-os como estratégia para o retorno à amamentação no seio, o cuidado e proteção, e o cultivo de uma afeição nascida da própria natureza do ser mãe como obrigação moral imposta.

Há necessidade, neste contexto, de entendermos a amamentação enquanto prática cultural presente em toda história da humanidade, bem antes da construção da visão dessa prática como importante meio de aproximação e vínculo de amor materno. “Mais do que um fato social ou fenômeno biológico, a amamentação é uma categoria híbrida que se constrói com características, propriedades e atributos tanto pela natureza como pela cultura”. (GUERRA, 1999. p.23).

Porém, com a modernização da sociedade e a inserção da mulher no mercado de trabalho, ou mesmo a recusa de algumas mães de oferecerem o seio a seus bebês, a amamentação passa por uma etapa crítica nas primeiras décadas do século XIX, até que se percebem as consequências da falta da amamentação na saúde das crianças com a elevação da mortalidade infantil e das doenças relacionadas à falta de nutrição adequada. Como é o caso da diarreia, obesidade infantil e desnutrição, doenças que podem ser evitadas se nos primeiros meses de vida a criança alimentar-se de leite materno, exclusivamente. (ALVARENGA, 2017).

Desde as primeiras civilizações registra-se a prática da amamentação, seja pelas mães seja pelas amas-de-leite, as quais encontram-se representadas até mesmo nas mitologias antigas. Um exemplo disso é a lenda de que uma loba amamentou Rômulo, futuro fundador de Roma, e seu irmão gêmeo Remo. Além disso, na sociedade espartana, todas as mulheres eram obrigadas a amamentar seus filhos,

com exceção da rainha que tinha a obrigação de amamentar apenas o primogênito, pois segundo a cultura local, os filhos amamentados pela mãe possuíam certos privilégios em relação a seus irmãos amamentados por amas-de-leite. Acreditava-se, pois, que privilégios físicos, como força e agilidade até privilégios intelectuais eram adquiridos através da amamentação ao seio da mãe.

Dessa maneira, o conceito de amamentação esteve inerente à vida dos seres humanos, sendo o primeiro meio de alimentação oferecido pelas mães a seus filhos, estando determinada por condições sociais e econômicas. A prática sempre esteve envolta a estigmas e imposições, de forma que a depender da sociedade, e sua cultura a mãe se vê obrigada a cumprir esse papel “natural” feminino. Conforme Guerra (1999): Em torno do aleitamento, pode-se, por vezes, perceber que um hábito cultural, para ser perpetuado, seja assimilado como algo que fez parte da natureza não cabendo nenhum questionamento. (GUERRA, 1999.p.07).

De acordo com Drexler e Infanti (2022), “apesar de ser biologicamente determinada teve seu molde condicionado a valores culturais”, desta forma, para que a prática fosse vista como uma forma de amor da mãe para com seu bebê, ao longo da história foram sendo construídos determinadas formas de pensar a amamentação. Passou-se a não a observar apenas como uma função biológica do organismo feminino para alimentação infantil, mas como gesto de amor, coberto de romantização e até mesmo imposição de as mães amamentarem seus filhos, deixando de lado fatores como a dor que se sente no momento da amamentação e a própria vontade da mãe enquanto mulher. Podemos observar Guerra (1999) e Costa (2018) tornando esses aspectos negativos da amamentação evidentes:

Como consequência, as estratégias de promoção da amamentação comumente praticadas estão impregnadas de reducionismo biológico típico do modelo oitocentista, marcado pela incapacidade de lidar com a ambivalência da mulher, entre querer e poder amamentar. (GUERRA, 1999. p.15).

E ainda:

Algumas patologias mamárias também podem surgir na nutriz ocasionando dificuldade para amamentar como fissuras (rachaduras doloridas nos mamilos), ingurgitamento (acúmulo de leite provocando edema e dor), a mastite (inflamação ocasionada pelas fissuras e ingurgitamento). (COSTA, 2018, p.22).

Nesse contexto, já pode-se observar a grande demanda de amas-de-leite nas altas classes sociais gregas. Apenas na falta de mulheres que desempenhassem esse

papel as crianças eram amamentadas com leite de animais, geralmente cabras e vacas, quer no próprio seio, quer usufruindo de mantimentos especiais para a sua alimentação, conforme evidenciado durante toda a história da Humanidade.

Imagem 01: Criança sendo amamentada por cabra - 1958.



Fonte: <https://queseriaelfaro.es/cabra-amamantando-a-nino-lanzarote-1958/>

Entre medievo e modernidade as amas-de-leite continuaram a ser utilizadas, com maior e menor frequência de acordo com a realidade de cada época. Dessa forma, em dados momentos houve uma recusa por parte das mães de oferecerem o leite materno, por motivos estéticos e sociais, muitas crianças desmamaram bem cedo, ou mesmo nunca receberam o leite do seio de suas mães, aumentando visivelmente a mortalidade infantil do período, aumentando mais uma vez a busca por amas-de-leite.

Entre os períodos colonial e imperial, os europeus se encarregaram de trazer a cultura das amas ao Brasil. Vale salientar que neste momento histórico, os povos indígenas que viviam nas terras brasileiras mantinham a cultura de que as mães amamentavam seus filhos até que conseguissem se alimentar sozinhos, ou seja, quase que até os 3 anos, e isto foi causa de estranhamento por parte dos portugueses. Neste mesmo período há registros de amas-de-leite, geralmente escravas que haviam acabado de ser mães, que sendo separadas de seus bebês, eram responsáveis pelo cuidado com as crianças, filhas de seus patrões, até que não houvesse mais necessidade de amamentação.

Os senhores das escravas inclusive alugavam seus serviços como amas, ou até mesmo as vendiam e salientavam suas características e qualidades como objetos, de forma que eram muito comuns os adjetivos “carinhosa”, “amável” “prendada”, já

que se subentendia que quanto melhor a escrava se portasse, em melhores mãos estaria a criança. Infelizmente, como dito anteriormente, poucas eram as amas que quando vendidas poderiam continuar com suas “crias”, sendo obrigadas a abandoná-las para seguirem a casa do seu novo senhor.

As tristes histórias de separação das amas negras escravas e seus filhos naturais narravam casos de crianças vendidas em separado da mãe; daquelas que ficavam na casa dos senhores, enquanto a mãe era vendida ou alugada (nesses casos, eram criadas pelas demais escravas da casa); das que eram mandadas para casas de amas (geralmente mulheres livres pobres, brancas ou negras), que criavam vários, enquanto as mães eram alugadas; das que eram abandonadas nas rodas dos asilos e lá morriam ou se criavam alimentando-se do leite de uma ama, contratada para amamentar até dez bebês ‘enjeitados’; e das que morriam ao nascer. (KOUTSOUKOS, 2009, p.307).

As mulheres que eram amas-de-leite em sua maioria não amamentavam seus próprios filhos, sobretudo antes da abolição como foi visto anteriormente, elas eram separadas dos seus filhos para amamentar os filhos do patrão. Após a abolição as mulheres ex-escravizadas encontravam na amamentação a possibilidade de ganhar algum dinheiro para viabilizar a sobrevivência dos filhos e costumeiramente colocavam anúncios nos classificadores de jornais oferecendo seus serviços. Nesse caso, mulheres brancas pobres também ofereciam os trabalhos de ama-de-leite para ganhar dinheiro.

Figura 02: Venda de Ama de Leite (Escrava).
Fotografia de 1879.

AMA
DE LEITE.
VENDE-SE uma preta, muito moça com cria; sabendo lavar perfeitamente, e bem desembaraçada para o serviço domestico: é muito sadia, e o motivo da venda, é não querer servir mais a seus antigos senhores. Para tratar—no largo do carmo, numero 75—sobrado.

Figura 03: Jornal do commercio.
Fotografia de 1844.

— ALUGA SE uma boa ama de leite; no becco do Espirito Santo n. 1.
— ALUGA-SE, na rua de Santo Antonio n. 26, um preto muito bom cozinheiro, e que serve bem a uma casa.
— MME. JENNY do Amaral tem uma carta de Paris; na rua do Carmo n. 55, 1º andar.
— ALUGA-SE, na rua da Alfandega n. 75, um preto escravo, bom carroceiro.
— ALUGA-SE uma preta, por commodo preço; na rua do Cano n. 3.
— ALUGA-SE uma parda escrava, muito boa meamba e prendada; na rua do Sacramento n. 20.
— ALUGA-SE uma preta ama de leite, carinhosa para crianças; na rua do Sacramento n. 20.
— VENDE SE, para fóra da terra, uma crioula da Bahia, moça, prendada e vistosa; no becco da Gamboa n. 16.
— O BILHETE inteiro da presente loteria n. 4215 pertence ao Sr. Dr. Luiz de Freitas Castro.
— O MEIO bilhete da loteria a beneficio da fabrica de tecidos e de papel n. 559 pertence a J. D. de Pernambuco.

Fonte: Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2018/04/anuncio-venda-de-escravo.html> acesso: 30/10/2023.

Observe-se que num período Histórico onde as amas de leite eram escravas, mal eram reconhecidas como pessoas, a ama de leite Mônica tem seu nome lembrado e perpetuado na História através desta fonte.

Figura 04: Augusto Gomes Leal com sua ama de leite Mônica. Fotografia de 1860.



Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fenciclopedia.itaucultural.org.br%2Fobra19781%2Faugusto-gomes-leal-com-a-ama-de-leite-monica&psig=AOvVaw3Hhh6qn_Pj7vzwSECmG3j4&ust=1698763080943000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBMQjhxqFwoTCKjWoPb_nYIDFQAAAAAdAAAAABAM

Era recorrente desde o momento da abolição da escravidão até parte do início da Primeira República do Brasil, que as mulheres escravizadas libertas, lançadas na sociedade a própria sorte sem meios para se sustentarem oferecerem serviços como amas-de-leite, em algumas situações ordenhavam as próprias mamas e vendiam o leite em garrafas. É claro que a partir do momento em que surgem e são comercializadas as primeiras latas de leite em pó esse número cai drasticamente e essa prática é extinta.

Desse modo, quando não se tinha condições de contratar uma ama-de-leite e as mães se recusavam a amamentar, por diversas motivações, como por exemplo a crença de que a amamentação traria malefícios à beleza física da mulher, a mortalidade infantil aumentou exponencialmente. Observando as nuances da História e suas permanências, podemos identificar uma semelhança em relação ao aumento da mortalidade infantil associada ao desmame nesse período com o ocorrido no auge da industrialização no Brasil, até a década de 70, quando boa parte das mulheres

começaram a introduzir-se no mercado de trabalho, formal ou informal, onde o período de amamentação, quando longo, chegava a uma semana. (GUERRA, 1999).

O paradigma norteador das ações pró-amamentação, construído na década de 80 fundou-se no modelo higienista do século XIX, substituindo o problema original da disputa "seio materno X ama-de-leite", por "seio materno X mamadeira de leite em pó". (REIS, 1999, p.48).

Figura 05: Criança usando leite em pó na mamadeira



Fonte: Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/maternidade/veja-como-obter-de-graca-formula-para-criancas-com-alergia-ao-leite-de-vaca>. Acesso em: 30/09/2023.

A mamadeira de leite em pó surge como uma alternativa para mães que não queriam ou não podiam amamentar por motivos de trabalho ou estéticos, mas também para a alimentação de crianças alérgicas à proteína do leite de vaca (APLV), que só conseguem se alimentar do leite materno e especificamente fórmulas que não contenham leite de vaca em sua composição, geralmente mais caras.

Mas, de que maneira, dadas as particularidades da segunda metade do século XX, houve relação entre o aumento no número das mulheres inseridas no mercado de trabalho e a diminuição da oferta de leite materno? E de que forma este fenômeno colaborou para as primeiras iniciativas com relação a construção de legislações pró-amamentação efetivas a nível mundial?

3. "SEIO MATERNO X MAMADEIRA E LEITE EM PÓ" AO LONGO DO SÉCULO XX.

No universo delicado da nutrição infantil, a busca por alternativas ao leite materno se mostrou impulsionado pela inovação na indústria, dando origem a fórmulas industriais projetadas para atender às necessidades nutricionais dos pequenos e as devidas estratégias de venda para capturar a atenção das mães. Nesse cenário, verificou-se a necessidade de salientar a tentativa de grandes marcas de vender fórmulas infantis no período, em substituição ao leite materno, através de propagandas de Televisão e em revistas, direcionadas a mães, uma vez que essas mídias exercem forte influência sobre seu público-alvo, tornando-se, assim, canais de conscientização ou de manipulação.

Dessa forma, podemos perceber que associado às mudanças no lugar ocupado pelas mulheres brasileiras em todas as camadas sociais, podemos evidenciar o crescente surgimento de fórmulas e leites artificiais nos mercados, o que tem levado ao desmame precoce ou mesmo a não amamentação dos recém-nascidos.

Pois, com o processo de industrialização do Brasil e a inserção cada vez maior das mulheres no trabalho das fábricas, além da falta de uma legislação que garantisse às mães o direito de licença maternidade ou pausas para a amamentação durante a jornada de trabalho, as crianças recém-nascidas passaram a ser alimentadas com formas substitutas de aleitamento materno. No Brasil, "a Nestlé foi a empresa que mais investiu em propaganda e estratégia de marketing para conseguir a adesão de profissionais para seus produtos". (GOMES et al, 2016. p.48).

Figuras 06 e 07: Propagandas Nestlé 1930.

Nos primeiros meses
à falta do materno, só
"LACTOGENO"
o leite em pó, garante a saúde às crianças.

Mas depois
mais crescidinhas, a
FARINHA LACTEA NESTLÉ
por sua capacidade nutritiva e sua riqueza vitamínica lhes assegura o desenvolvimento perfeito.

Feliz como os passaros livres...
... Bêbê sorri para a vida porque é forte, alegre e saudável!
A Farinha Lactea NESTLÉ é o alimento perfeito para as crianças na idade do crescimento, pois contem todas as substâncias indispensáveis para a evolução das vidas infantis.

Farinha Lactea NESTLÉ

Fonte: Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2018/10/lactogeno-e-farinha-lactea-nestle.html>. Acesso em: 27/09/2023.

A empresa se encarregou de ilustrar nas propagandas os ditos benefícios e praticidade para as mães de crianças que se alimentam de leite em pó, assim como de incentivar o consumo também para crianças maiores da farinha láctea, pois mesmo que as crianças não fossem mais bebês, não se perdem os consumidores.

As imagens publicitárias mostravam crianças sorridentes e saudáveis, reforçando a ideia de que se alimentando dos produtos, as mesmas ficariam mais robustas e bem nutridas, além de utilizarem frases que apelavam emocionalmente com relação aos preços, para as mães oferecerem "o melhor" aos filhos, sem olhar para os valores das latas. Nesse momento também era recorrente encontrar propagandas de leite condensado para alimentação infantil aprovadas por pediatras, podemos observar essa realidade nas propagandas abaixo:

Figura 08:Criança com leite moça na mamadeira. Figura 09:Propaganda da mamadeira pyrex (1930).



Fonte: Disponível em: <https://milc.net.br/2014/09/maior-empresa-de-alimentos-do-planeta-mira-no-pediatra-acerta-na-mae-para-atingir-a-crianca/>; acesso: 30/10/2023.

Dessa forma, diversos profissionais da saúde indicavam o uso do leite em pó em crianças recém-nascidas, visto que tinham parceria com a empresa. Esta postura de alguns profissionais gerou a invenção de crenças que alegavam até mesmo que o leite materno não possuía todos os componentes nutricionais suficientes para a alimentação do recém-nascido, disseminando falsas informações sobre ele. (COSTA, 2018)

Assim, a lógica da indústria não poderia ser outra, senão orientar sua estrutura de marketing prioritariamente para formadores de opinião na sociedade - pediatras e nutricionistas. (REIS, 1999, p.48).

Esta circunstância colaborou também para a produção e venda cada vez maior de alimentos infantis industrializados, e "[...] evidencia-se que o principal fator responsável por essas mudanças, especialmente pela introdução do leite em pó como substituto do leite materno e de outros alimentos que complementam o aleitamento foi a indústria alimentícia". (GOMES et al. 2016. p.486).

Figura 10: Fotos de criança ao lado das latas vazias de leite Ninho - Nestlé



Fonte: Disponível em: <https://versaobetacomunicacao.wordpress.com/2012/04/16/adultos-x-bebes-propaganda-de-leite-em-po/> Acesso em: 30/10/2023.

Fotos de crianças exibidas nas latas de leite que consumiu ao longo do primeiro ano de vida, eram moda nos anos 1970 e 1980. Era uma forma de exibir também o poder financeiro dos pais visto que o leite em pó não era um alimento acessível em termos de preço, cabendo as classes mais abastardas poderem alimentar seus filhos com o que no momento o mercado apontava como sendo o melhor alimento e muitos pediatras concordavam.

Devido aos escassos registros de índices de amamentação antes dos anos 80, não se sabe com uma margem muito acertada o panorama da amamentação no país, porém, houve aumento significativo na introdução de mamadeira e fórmulas industriais para bebês. No documentário *Um olhar sobre a história da amamentação no Brasil*, a professora Elza Berquó, pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), enfatiza em sua fala como o aleitamento materno, neste momento

histórico, era baixo desde o nascimento: “Então a mulher ia dar à luz e já saia com a sua lata de leite do lado”.

Da mesma forma Goldenberg (1988) confirma que:

As mães frequentemente ganhavam uma lata de leite em pó na saída da maternidade, estivesse ou não a criança em aleitamento natural. Era comum receberem também uma receita de leite artificial para dar continuidade ao produto usado no berçário, ou para introduzi-lo, se necessário antes mesmo da primeira consulta de acompanhamento da criança. (p. 17/18).

Alvarenga (2017) revela em sua pesquisa as principais motivações para o desmame precoce, e há consenso com outros autores em relação às suas causas, que vão desde exigência dos parceiros por interesses estéticos em relação as mamas da mulher, a recusa da própria mulher por motivos de dores, problemas de ferimentos nos seios devido a chamada “pegada errada”, os próprios fins estéticos e medo do seio caído e também a alegação de leite fraco, onde a mãe insiste que seu leite não possui os nutrientes necessários para que o bebê se mantenha forte e saudável, necessitando assim de complemento nutricional através de fórmulas o que em alguns casos recebia apoio desde o momento que saia da maternidade.

Segundo a autora, as mães adolescentes de primeira viagem contam geralmente com baixo índice de amamentação, devido à falta de experiência e de maturidade, já que a partir do segundo filho, caso haja uma boa experiência na primeira mamada, as mães têm mais facilidade em manter a amamentação por mais tempo. Seus estudos também confirmam que mães de baixa escolaridade também têm um rendimento menor no quesito, já que as mulheres com grau maior demonstraram um desempenho melhor na amamentação exclusiva. Esta face da pesquisa revela ainda como a amamentação exclusiva se encontra muito associada a classe social das mães, visto que apenas mães com boa condição financeira tem a possibilidade de abandonar o emprego e se dedicar exclusivamente ao aleitamento materno.

No que diz respeito à justificativa do leite fraco não há explicação científica, já que biologicamente é comprovado que o leite materno de uma mulher saudável tem todos os componentes necessários para manter a criança nutrida, não sendo necessário a introdução de água, chás ou sucos nos primeiros 6 meses de vida. Como é prática incidente no Brasil, que enquanto país tropical, com altas temperaturas especialmente no verão, provoca sede em adultos que deduzem que os recém-

nascidos também carecem de outros líquidos para manterem-se hidratados, visto que o leite materno já contém em sua composição o percentual de água necessário para a hidratação do bebê.

Porém, para além desses, entre os anos 60 e 90, a mais forte das motivações para o desmame antes dos seis meses de vida era a falta de legislação de proteção à amamentação, de modo que as mães trabalhadoras se viam na necessidade de interromper a amamentação natural e introduzir na alimentação da criança fórmulas que viessem a suplementar aquilo que não poderia ser atingido através do aleitamento materno direto ao seio, já que grande parte do dia as nutrizes estariam fora de casa. (COSTA, 2018).

E mesmo depois da aprovação de leis que asseguravam as salas de amamentação em empresas para trabalhadoras que amamentam, por muito tempo essa não foi uma realidade presente, principalmente na vida de mulheres que trabalhavam informalmente, por necessidade, sendo muitas vezes chefes de família. Contudo, com o passar dos anos, a passos lentos essa medida passou a ser cumprida e a disposição desses espaços foi uma boa estratégia para uma duração maior da amamentação. (ALVARENGA, 2017).

Venâncio e Monteiro (1998) salientam as vantagens e benefícios da amamentação na vida das crianças durante toda a vida:

“O leite humano é o alimento ideal para o crescimento e desenvolvimento dos lactentes e confere proteção contra a desnutrição, diarreia, infecções respiratórias, enterocolite necrotizante e septicemia (em prematuros), diminuindo assim a mortalidade infantil” (p.41).

Salientam também que além da melhoria na imunidade, as crianças que foram alimentadas com fórmulas nos primeiros meses de vida acabaram por necessitar de mais hospitalizações durante os primeiros 10 anos.

Neste contexto, Guerra (1999) evidencia o uso dos benefícios da amamentação no ponto de vista da mulher no *marketing* pró-aleitamento: “Em relação à mulher, a recuperação pós-parto associada à diminuição do sangramento e involução uterina, assim como a praticidade, são as principais vantagens apresentadas”. (p.17).

Figura 11: Campanha sobre Aleitamento Materno 16 de novembro 2016.

**AMA
MENTAR**
faz bem
para o
bebê e
para você.

Até os 6 meses, o bebê só precisa de leite materno. Depois, ofereça alimentos saudáveis e continue amamentando **até os 2 anos ou mais**.

Informe-se, prepare-se. Torne essa experiência completa. A mãe que amamenta sente-se realizada como mulher e estabiliza relação profunda de afeto com seu filho.

Karina F. Teixeira, 25
Emanuel David F. Teixeira, 1 ano e 6 meses

VIVA LEITE
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Cidade de TARUMÃ
Secretaria Municipal de Assistência Social
CRAS
CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Fonte: Disponível em: <https://www.taruma.sp.gov.br/noticias/ler/cras-realiza-campanha-sobre-aleitamento-materno>. Acesso em 30 de setembro 2023.

O objetivo central do marketing de qualquer produto seja qual for sua categoria é a venda. Logo, o objetivo das marcas é o lucro, seja em dinheiro ou na compra de uma ideia por um determinado grupo social. Desse modo, segundo Guerra (1999), a indústria de alimentos de complementação nutricional infantil, buscou construir seu *marketing* com ênfase não apenas nas mães, mas com mais força naqueles profissionais que tinham o poder de indicar seus produtos com propriedade, os pediatras.

Além da publicidade realizada diretamente nos pontos de venda, o marketing digital também chama atenção dos especialistas. Em abril, a OMS lançou relatório inédito sobre o impacto global do marketing digital na promoção e na venda de produtos que competem com o aleitamento materno, como fórmulas infantis e mamadeiras. O documento aponta que em alguns países 8 em cada 10 mulheres tiveram acesso a conteúdo promocional desses produtos pela internet e que os posts de companhias que fabricam produtos que competem com o aleitamento materno tem um alcance três vezes maior que o de posts relacionados aos benefícios do aleitamento materno. O relatório também mostra que mulheres que publicam em suas redes sociais conteúdo relacionado a suas experiências com a amamentação são assediadas com a

publicidade de produtos como mamadeiras e fórmulas infantis. (Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/brasil-descumpre-legislacao-que-protege-o-aleitamento-materno25052022>. Acesso em: 23/09/2023).

Além das campanhas através da internet de produtos que competem com o aleitamento materno, as Farmácias e Supermercados brasileiros infringem a legislação que regula o marketing de produtos que podem prejudicar a amamentação, como leites, fórmulas infantis, chupetas e mamadeiras.

Segundo o documentário *Um olhar sobre a História da Amamentação no Brasil*, a fase inicial de *slogans* pró-amamentação surge no começo nos anos 80, quando se tem fortes indícios que a mortalidade e incidência de doenças em bebês nos primeiros meses de vida estaria associada à amamentação, melhor dizendo, à falta dela. A pesquisadora Elza Berquó, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), defendeu em um documentário da Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar (IBFAN Brasil), em 2014, que pesquisa realizada em São Paulo e Recife comprovou quão baixo era o índice de prevalência de aleitamento materno na década de 70. Dessa forma, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) buscou mobilizar as mulheres para que a amamentação com oferta em livre demanda e de forma exclusiva tivesse duração de no mínimo três meses.

A primeira fase da mobilização aconteceu através da mídia televisiva e rádio, onde Ministério da Saúde, Unicef e Encontro Nacional de Aleitamento Materno (Enam), investiram na promoção e defesa do aleitamento materno, inclusive em novelas, a exemplo da novela da Rede Globo de Televisão *Água viva*. A estratégia do uso da televisão como veículo de incentivo a prática funciona com base na ideia de que, na maioria das vezes, as únicas formas de *marketing* que atingiam as camadas populares eram os capítulos das telenovelas. Nas propagandas, usando a influência de grandes artistas, tais como Marília Gabriela, Lucélia Santos e Maria Zilda, se posicionando a favor da amamentação e desmistificando ideias que acabavam fazendo com que as mulheres desistissem de amamentar, como o “seio caído” e a questão trabalhista.

Figura 12: Lucélia Santos e a Campanha “amigas do peito”



Fonte: Disponível em: <https://www.arquivoluceliasantos.com/site/?p=220> Acesso em 30/09/2023.

Em 1982, a atriz Lucélia Santos, ao lado de Beth Goulart e Ângela Leal, fez parte da campanha “Amigas do Peito”: um grupo de mulheres que alertavam as mães sobre a importância do leite materno. Uma das preocupações das pessoas que estavam à frente do movimento era de não pressionar as mulheres, que as propagandas de fato auxiliassem na efetivação da amamentação, mas que também deixassem as mulheres à vontade para ofertá-la em livre demanda, sem aumentar a pressão que já estava sobre elas, com as responsabilidades dentro da família e na própria sociedade. Então os *slogans* “Seis meses que valem uma vida”, “Amamentação: Mãe e filho têm esse direito”, “Amamentação: Amor, carinho e proteção”, “Amigas do peito” que foram utilizadas em campanhas de diferentes anos, tinham o papel de não só chamar atenção das lactantes, mas também o papel social de fazê-las sentir-se acolhidas e compreendidas, além de incentivadas a cumprir esse papel tão importante na vida de seus filhos.

O Plano Nacional de Incentivo a Amamentação (Pniam) registrou uma redução de 65% na oferta de leites industrializados entre os anos entre 1980-89, mas em contrapartida, mesmo com o esforço da iniciativa, e de que nos primeiros 5 anos o aumento no índice de amamentação fosse de visíveis 30%, nos próximos anos o

índice passou a crescer de forma bastante lenta. Entram aí as iniciativas de mais força, com o surgimento e efetivação de políticas públicas de conscientização, apoio e proteção ao aleitamento materno. Cabendo salientar que até mesmo após estes movimentos, o uso de fórmulas industrializadas para bebês continuou a ser indicado para caso excepcionais, onde por algum motivo mais sério, a mãe não pudesse levar a amamentação adiante no período indicado de 6 meses, estando a indústria adequando suas propagandas a essas excepcionalidades. (GUERRA, 1999).

4. O BRASIL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PRÓ-AMAMENTAÇÃO.

Pelo exposto, considera-se relevante destacar as políticas públicas, propostas desde a década de 1980 até o ano de 2019, a fim de observar a efetivação das mesmas e as conseqüentes contribuições para a sociedade, no sentido de colaborar com a diminuição, considerável, da mortalidade infantil e do índice de doenças relacionadas ao desmame antes do momento adequado, visto que "o aleitamento materno é um direito humano fundamental e afeta diretamente os padrões de saúde e mortalidade das populações". (ENANI, 2019, p.19).

Em 1980, depois da iniciativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) em investir em discussões acerca da promoção da amamentação, o Ministério da Saúde encarregou-se de inserir também no Brasil movimentos informativos e elaborar políticas públicas que priorizassem o aleitamento materno como o único alimento essencial às crianças menores de 6 meses.

Visando maiores benefícios a saúde do indivíduo a curto e longo prazo, o Ministério da Saúde (MS) elabora documentos padronizados com as informações dos benefícios do aleitamento materno na prevenção de doenças [...] voltados a orientar a nutriz da importância e dos benefícios que poderá adquirir na demanda livre do aleitamento. (COSTA, 2018).

A primeira medida visando assegurar os direitos referentes à amamentação foi a aprovação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (Pniam), em 1980 que visava a prevalência do aleitamento materno como único e exclusivo alimento as crianças menores de 6 meses, além de proporcionar melhor qualidade de vida e saúde para os bebês. Este programa desenvolveu-se principalmente através

de campanhas publicitárias, treinamento de profissionais da saúde e elaboração de materiais educativos acerca da amamentação e seus benefícios.

A metáfora da "Torre de Babel ideológica", conforme expressa por Guerra (1999), destaca a diversidade de atores envolvidos nesse esforço coletivo, desde órgãos governamentais até organizações não governamentais e empresas privadas.

Órgãos de governo, sociedades de classe, organizações não governamentais, empresas privadas, veículos de comunicação de massa, associações comunitárias, compuseram uma verdadeira "Torre de Babel ideológica", conferindo às ações em prol do aleitamento aquilo que elas tinham de mais rico: o sentido plural. (GUERRA, 1999, p.43).

No ano de 1981 iniciaram-se as discussões acerca do direito de mãe e filho permanecerem juntos no período de internação dos primeiros dias após o parto e com a portaria n.º 1016, de 26 de agosto de 1983, o ministério da Saúde tornou obrigatório nos hospitais públicos que as mães se mantivessem junto a seus bebês em tempo integral dentro das unidades. (BRASIL, 2017). A importância dessa iniciativa para a saúde física da criança, mas também para o emocional da mãe que estando junto de seu filho geralmente tem uma recuperação mais rápida.

Embora o primeiro Banco de Leite Humano (BLH) do Brasil tenha sido implantado em outubro de 1943, como resposta à alta demanda de leite materno, em 1985 foi implantada uma portaria normatizando o funcionamento dos BLH em território nacional, obedecendo a critérios de higiene e com profissionais para extração e manipulação do leite humano. Em pesquisa recente, no site do Governo Federal, pude atestar a existência de 222 bancos de leite humano presentes em todos os estados brasileiros e, também de 217 postos de coleta, um número considerado aceitável, mas que não atinge as regiões do interior do Brasil. (RIBEIRO, 2021).

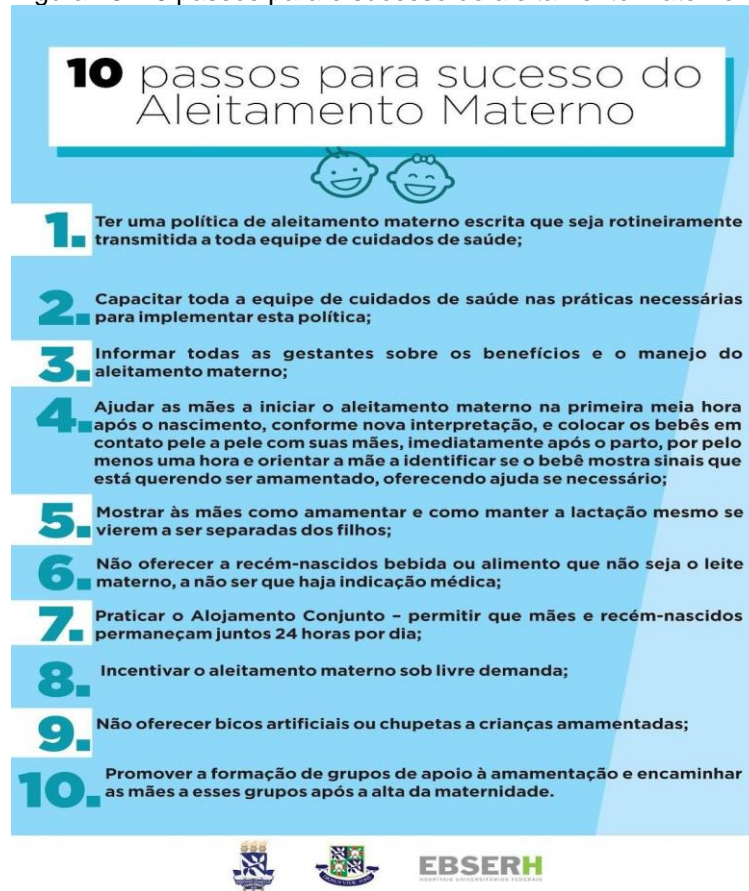
Em 1988, o Brasil buscou adaptar o Código Internacional de Substitutos do Leite Materno ao país e o Conselho Nacional de Saúde instituiu de fato as Normas para comercialização de alimentos para Lactentes (NBCAL), regulamentando a forma correta de alimentar crianças de colo. (BRASIL, 2017). Ao regulamentar a publicidade e distribuição desses produtos, a iniciativa destacou a importância da amamentação e estabeleceu diretrizes cruciais para promover práticas alimentares saudáveis desde os primeiros dias de vida.

No mesmo ano, 1988, a Constituição Brasileira instituiu as licenças maternidade e paternidade, sendo o direito de 120 dias para as mães e 5 dias para os pais, de permanecerem em casa para cuidado e adaptação da família com o recém-nascido. A duração da licença maternidade é algo a ser discutido, pois visto que as legislações pró-amamentação definem 6 meses como o período essencial para a amamentação exclusiva, não deveria esta lei garantir o tempo de descanso das puérperas de pelo menos 180 dias? No caso das mães que cumprem pena, privadas de liberdade, conquistaram o direito de permanecer com seus bebês durante todo período de amamentação. (BRASIL, 2017).

No ano seguinte, 1989, foram definidos os “10 passos para o sucesso do aleitamento materno”, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), conforme constam no *banner* disponibilizado pelo Ministério da Saúde, presente na figura 13. Em 1990, a “Declaração do inocenti” implementou metas para a efetivação da amamentação exclusiva até 4 meses, ou 6 meses, quando possível, e alimentação saudável e adequada à criança de até 2 anos de idade. (BRASIL, 2017).

Segundo Ribeiro et al (2021), estas medidas estão destinadas a informar profissionais de saúde e o público sobre os benefícios e práticas relacionadas à amamentação. Essas diretrizes têm como objetivo apoiar protocolos de serviços que promovam o aleitamento materno, ao mesmo tempo em que combatem a propaganda livre de fórmulas infantis e restringem a oferta de bicos, chupetas e mamadeiras. Essas ações visam criar um ambiente propício à amamentação, promovendo a saúde e o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê.

Figura 13: 10 passos para o sucesso do aleitamento materno



Fonte: Ministério da Saúde

No ano de 1991, houve o lançamento da Iniciativa do Hospital Amigo da Criança (IHAC), e o Brasil foi um dos primeiros países a implantá-la. Esta iniciativa objetivou garantir, a todas as mulheres, o direito de amamentar durante a internação hospitalar pós-parto. Essa iniciativa enfatiza a importância do cuidado centrado na família, do respeito às práticas culturais e da criação de um ambiente acolhedor para a família desde o nascimento. Nesse mesmo ano, a Aliança Mundial para a Ação de Aleitamento Materno (WABA, sigla em inglês) lançou a Semana Mundial de Amamentação, que tem grande relevância social enquanto medida de apoio à amamentação. (BRASIL, 2017).

A pesquisa realizada por Ribeiro et al (2021) constatou aumento significativo no período de aleitamento materno após a efetivação da IHAC, assim como o índice de desmame precoce diminuiu consideravelmente após o início desta assistência, em comparação ao período em que ela não vigorava.

Nestes estudos os resultados apontaram que a duração para AME aumentou de um para dois meses e subiu 18,7% a taxa de AME na alta hospitalar. Em estudo que avalia o impacto da estratégia nas práticas de AM, este, passou de 8,9 para quase 12 meses e o AME passou de 120 para 151 dias. Já o risco para interrupção da amamentação exclusiva deixou de ser no 1º mês e passou a ser no 4º mês de vida. (RIBEIRO et al, 2021, p.456).

O Ministério da Saúde passou a promover, desde 1999, a Semana Mundial de Aleitamento Materno (SMAM). A ação conta com cartazes e materiais informativos, em todos os meios de comunicação, principalmente na Televisão. Ano após ano, o Ministério da Saúde, com apoio da Fiocruz, se encarrega de produzir e divulgar estes materiais, disponíveis no *site* da Rede Global de Bancos de Leite Humano - Brasil (RBLH).

Figura 14: Material de apoio à amamentação divulgado pela Semana Nacional de Aleitamento Materno (WABA).



Fonte: <http://www.ibfan.org.br/site/noticias/semana-mundial-de-aleitamento-materno-2023.html>

Em 1992 foi aprovada a Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL), que regulamentou de forma legal a promoção e venda de uso de alimentos substitutos do aleitamento materno, assim como chupetas, bicos e mamadeiras. (BRASIL, 2017). A NBCAL visa combater práticas comerciais inadequadas que poderiam desencorajar ou prejudicar a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A importância desta norma reside também na regularização do uso de substitutos para crianças que por algum motivo não podem ser amamentadas com leite materno de suas mães.

Nos anos 2000 começaram a surgir mais ações sociais, a exemplo da instituição do Dia Nacional de Doação de Leite Humano, como forma de incentivar a doação de leite humano no Brasil. Assim como a iniciativa “Bombeiros da Vida”, uma colaboração do corpo de bombeiros para a coleta de leite em residências quando solicitado. A Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), não ficou de fora dos movimentos e criou o projeto “Carteiro Amigo”, juntamente com o Ministério da Saúde. (BRASIL, 2017).

No ano de 2006, instituiu-se o Comitê Nacional de Aleitamento Materno da Saúde, que se encarrega de decisões, assessoria e apoio que tangem a amamentação no Brasil, visando sua proteção e apoio. Este comitê foi redefinido em 2012. Também em 2006, foi promulgada a Lei nº 11.265, regulamentando a comercialização de alimentos para bebês, bem como ampliando a idade na qual o cuidado alimentar se voltava de 2 para 3 anos. Ainda nessa década, se desenvolveu a Iniciativa Unidade Básica Amiga da Amamentação, e a Pastoral da Criança, iniciativa da Igreja Católica. E em 2008, surgiu a Rede Amamenta Brasil. (BRASIL, 2017).

Em 2010, foi feita uma norma conjunta entre Anvisa e Ministério da Saúde, para orientar a instalação de salas de apoio à amamentação em empresas públicas e privadas. Em 2013, foi promulgada a portaria nº 1920, que integrou as ações Rede Amamenta Brasil e a Estratégia Nacional de Promoção da Alimentação Complementar Saudável. No ano de 2017, a Lei nº 13.435 foi promulgada e definiu o agosto dourado, o mês nacional do Aleitamento Materno. (BRASIL, 2017).

Figura 15: Agosto Dourado Campanha de aleitamento materno



Fonte: Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/noticias2/6454-aleitamento-materno-e-prioridade-na-pastoral-da-crianca>. Acesso em: 28/09/2023.

Dadas as particularidades e demandas desde o início da implementação das políticas públicas pró-amamentação, as conquistas desde a aprovação do Plano Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (Pniam) desempenham papel fundamental na promoção da saúde materna e infantil, mas o sucesso delas depende não somente da aprovação de leis em âmbito legislativo, mas da execução das mesmas, tendo em vista o apoio e o respeito às diversas realidades familiares onde os lactentes se encontram.

Desse modo, a discussão sobre a importância de políticas públicas voltadas para a amamentação no Brasil destaca a necessidade de uma abordagem abrangente de promoção e apoio a essa prática vital. O conjunto de marcos regulatórios, iniciativas e eventos nacionais ao longo das décadas revela um compromisso contínuo em assegurar que as mães recebam o suporte necessário para iniciar e manter a amamentação pelo período indicado, proporcionando benefícios tanto para as mães quanto para os recém-nascidos.

A promulgação de leis, a criação de comitês especializados e a integração de estratégias em diversas esferas da sociedade demonstram uma compreensão crescente da importância da amamentação para a saúde pública. As políticas que visam facilitar a amamentação não apenas fortalecem os laços familiares e a saúde infantil, mas também contribuem para a redução de desigualdades em saúde.

Portanto, é essencial que essas políticas sejam continuamente revisadas, adaptadas e expandidas, garantindo que as mães em todo o país tenham acesso adequado a informações, suporte e ambientes favoráveis à amamentação. Ao investir em políticas públicas sólidas, o Brasil não apenas preserva a saúde de suas gerações futuras, mas também promove um ambiente de cuidado e respeito pelos direitos fundamentais de mães e bebês.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da conjuntura mundial a nacional, constata-se, a partir de pesquisa do ENANI (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil), coordenada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2019, o aumento das taxas de aleitamento materno no país, após um período no qual a recusa era frequente. Período este, marcado por manifestações de incentivo ao aleitamento materno em propagandas televisivas com apoio de grandes artistas, posicionando-se contra a distribuição e venda de fórmulas industrializadas para a alimentação de recém-nascidos.

À guisa de conclusão, o estudo salienta ainda que o índice de crianças menores de 6 meses que tem unicamente o leite como alimento estava em 45,8%, onde o ideal para a OMS até a década de 2030 é de 70%. Há também a necessidade de inserir no estudo as fórmulas de aleitamento que são aprovadas por médicos no caso de mães que não podem amamentar, como mães soropositivas, por exemplo.

Tendo em vista que esta pesquisa foi realizada antes do início da Pandemia de COVID-19, vê-se a necessidade de se promover mais um estudo para verificação do índice, já que não se sabe ainda os impactos da pandemia na prática da amamentação, devido a vários fatores. O falecimento de muitas mães de recém-nascidos e mesmo gestantes, a diminuição de doação em bancos de leite humano, uso de fórmulas para sanar a necessidade de nutrição de crianças sem deficiência imune e de crianças alérgicas à proteína do leite de vaca (APLV), são questões a serem estudadas não apenas por pesquisadores da área da saúde, mas deverão ser analisadas também por historiadores, dado seu potencial de impacto social.

Espera-se que este estudo ofereça a profissionais da área de História o entusiasmo necessário para o desenvolvimento de mais pesquisas inseridas na área de História da alimentação, bem como na própria História da Amamentação no Brasil,

dando espaço a aspectos referentes à posição da mulher inserida na prática do AM, visto que a História é uma ciência inserida em todas as esferas da sociedade, e que está em constante construção e reconstrução.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, João Aprígio Guerra. **Amamentação: um híbrido natureza-cultura**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

ALVARENGA, Cristina et all. **Fatores que influenciam o desmame precoce**. AÑO 17 - VOL. 17 Nº 1 - CHÍA, COLOMBIA - MARZO 2017. p. 93-103

Amamentação no século XXI: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. Tradução elaborada por Leila Posenato e Giovani Vinícios de Araújo e França. Epidemiol, Serv, Saúde, Brasília: 2016.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Círculo do livro: São Paulo: 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bancos de Leite Humano e Postos de Coleta/ Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Programáticas Estratégicas. **A legislação e o marketing de produtos que interferem na amamentação: um guia para o profissional de saúde**. - Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; MACHADO, Márcia Tavares. **Amamentação, um resgate histórico**. Cadernos ESP. Escola de Saúde Pública do Ceará. V.1-N.1- Julho - Dezembro - 2005.

DE SOUSA, Francisca; DE LIMA, Maísa; LIMA DE SOUSA, Andréia; DE OLIVEIRA LIMA. Luísa Helena; SANTANA, Andreia Gomes. **Avanços e desafios do aleitamento materno no Brasil: Uma revisão integrativa**. Revista em promoção da Saúde, vol.28.n.3 julho-Setembro, 2015. p.434-442.

DEL PRIORI, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DREXLER, Marisa; INFANTE, Diana Cintra Freire. Breve história do aleitamento materno in NOGUEIRA, Adriana Tanuse. **Mamãe eu quero mamar**. 1 ed. Porto Alegre: Simplíssimo, 2022.

GOMES, JMF., et al. **Amamentação no Brasil: discurso científico, programas e políticas no século XX**. In: PRADO, SD., et al. orgs. Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/37nz2/pdf/prado-9788575114568-23.pdf> (acesso em 01/05/2023).

JURUENA, Gabrielle Seidl; MALFATTI, Carlos Ricardo Maneck. **A história do aleitamento materno dos povos primitivos até a atualidade**. Revista Digital - Buenos Aires: Ano 13- N° 128- Fevereiro de 2009.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. "**Amas mercenárias**": o discurso dos doutores em medicina e o retrato das amas - Brasil, segunda metade do séc. XIX. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro: V.16, N.2- Abril- Junho. 2009.

Maia PR da S, Almeida JAG de, Novak FR, Silva da. **Rede Nacional de Bancos de Leite Humano: gênese e evolução**. Rev Bras Saude Mater Infant [Internet]. 2006Jul;6(3):285–92. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/vWFyjqdVRwGs3KzdcXf74ny/#> . Acesso em: 17/06/2023.

NERI, Daniela. **Aleitamento materno no Brasil: práticas, determinantes, evidências da importância e ações de promoção**. Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde. Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Veronica Aparecida et al. **Análise das Recomendações de Manuais de Aleitamento Infantil: possibilidades e desafios**. Temas Psicol.. Ribeirão Preto. 2016. Disponível em: . Acesso em: 04/05/2023.

REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. Editora Ática: São Paulo: 1996.

Regina L. S. Ungerer , Ana T. C. de Miranda. **História do alojamento conjunto Rooming-in history**. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/58066/ve_Regina_Ungerer_et_al_IF_F_1999.pdf?sequence=2&isAllowed=y . Acesso em: 17/07/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Aleitamento materno: Prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos: ENANE 2019.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. <Documento Eletrônico>.

Venancio, S. I., & Monteiro, C. A... **A tendência da prática da amamentação no Brasil nas décadas de 70 e 80.** Revista Brasileira De Epidemiologia, 1998. p.40–49. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/W9kXDzCrgnnc444MVLd9mvc/?lang=pt#> (acesso: 24/04/2023).

Rea, Marina Ferreira. **Reflexões sobre a amamentação no Brasil: de como passamos a 10 meses de duração.** Rio de Janeiro: Cadernos De Saúde Pública, 2003. p.37–45. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JDFqD6Hqm83qHKJ3ybjYCHw/#> Acesso em 01/08/2023).

Ribeiro PL, Cherubim DO, Rechia FPNS, et al. **Dez passos para o sucesso no aleitamento materno: influência na continuidade da amamentação.** Rev Fund Care Online. 2021 jan/dez; 13:451-459.

Documentário: "**Um olhar sobre a história da amamentação no Brasil**". Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/site/multimedia/video-um-olhar-sobre-a-historia-da-amamentacao-no-brasil-2014.html> .

Maior empresa de alimentos do planeta mira no pediatra, acerta na mãe para atingir a criança. Revista Eletrônica Milc. Disponível em: <https://milc.net.br/2014/09/maior-empresa-de-alimentos-do-planeta-mira-no-pediatra-acerta-na-mae-para-atingir-a-crianca/> acesso: 01/09/2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Virgem de Fátima, a quem consagrei tudo que sou e que tenho, que nunca me desampararam e foram em muitos momentos de aflição meu conforto e esperança.

A meus pais, Marcondes dos Santos Oliveira e Aldenize Pereira da S. Santos, que sempre me guiaram no bom caminho e apoiaram minhas decisões acadêmicas mesmo sem muito entendimento do que elas representavam.

À minha irmã e melhor amiga, Maryllia Lays, meu porto seguro nesta vida, por todo companheirismo, amor, amizade e fé que depositou e deposita em mim e em meus sonhos.

Ao meu namorado, Eduardo Pereira Barbosa, por estar ao meu lado em todos os momentos, bons e maus, sempre me dando força para que eu nunca desistisse, mesmo diante das adversidades que a vida sempre me apresentou.

À minhas avós Josefa Pereira da Silva e Rita dos Santos Oliveira, educadoras, por serem meus maiores exemplos enquanto professoras e mulheres e pelo incentivo a esta graduação que hoje finalizo. Lembro ainda dos meus tios, tias, avôs, cunhado, sogra, que sempre me deram força e torceram pelo meu sucesso.

À minha madrinha, Maria Aparecida Almeida, pelo apoio, paciência, atenção e conselhos em toda minha vida, em especial, em minha graduação.

À professora Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelo incentivo, correções e dedicação e paciência que recebi. Aproveito também para externar minha gratidão à banca de avaliação desta pesquisa, os queridos Joedna Meneses e Dmitri Bichara, a quem estimo.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB, em especial, aos professores Susel, Elisa, Carlos Adriano, Cristiano e Fagundes, pelo exemplo de professores, historiadores e seres humanos que são, pelos ensinamentos e o carinho a mim dispensados ao longo deste curso, os quais irei me valer durante toda minha jornada profissional. Reconheço também a presteza de todos os funcionários da UEPB, Campus III, na pessoa de Rilane.

Agradeço também a Professora Ingrid Karla Cruz Biserra, que não faz mais parte do corpo docente da UEPB - Campus III, mas que teve papel fundamental para

que eu passasse a ver a História, principalmente a História da Educação de outra forma, definindo assim meu futuro acadêmico.

Agradeço aos meus professores da educação básica, por todo conhecimento e afeto adquirido, especialmente minha avó Fia, que foi minha professora da 1º e 3º séries.

Aos colegas de classe e curso, em especial a Camila Alves dos Santos, pelos momentos inesquecíveis de amizade e apoio mútuo, momentos estes que lembrarei sempre, pois guardo cada um em minha mente e em meu coração.

A minhas colegas de trabalho pela paciência e compreensão em minhas ausências.

A todos que cooperaram, direta e indiretamente, para que esse momento se realizasse, que Deus possa abençoar grandemente a cada um.